**AS DINÂMICAS DO USO DE EQUIPAMENTO E SUA MANUTENÇÃO TENDO EM VISTA O SEU PONTO DE EQUILÍBRIO:**

Uma perspectiva antropologica do Trabalho.

**Tubias Capaina**

**Resumo:**

O presente trabalho artigo a dinâmica de uso de equipamento e a sua manutenção tendo em conta o seu ponto de equilíbrio. Pretendemos apresentar alguns conceitos que abrem espaços para uma reflexão minuciosa em relação a manutenção dos equipamos em locais de vasta circulação de indivíduos, para assim entender e manter o seu equilíbrio funcional e a durabilidade dos equipamentos.

Da literatura analisada sobre o uso de equipamento identifiquei duas perspectivas. A primeira explica que o uso de equipamento faz aproximar as pessoas. A segunda explica que o uso de equipamento é regulado por normas de um determinado contexto.

A referida literatura permitiu compreender como o uso de equipamento proporciona convivência e mobilidade social e ainda as condições de segurança do trabalho no seu uso. Da literatura analisada fica por compreender dinâmicas de uso do equipamento, incluindo como os usuários lidam com as normas que regulam o referido uso e o processo de manutenção dos mesmos.

Palavras-Chave: **Equipamentos, Manutenção e Ponto de Equilíbrio.**

**Introdução**

No universo das relações sociais exestem trocas se ideias que corresponde a uma acção como sendo uma actividade exclusivamente humana, uma vez que é algo dotado de consciência, com propósitos explícitos que visam atingir determinados resultados, quer sejam de sobrevivência, quer sejam de ordem psíquica ou cultural e assim definindo certos comportamentos. Por isso, nos importa abordar sobre alguns factores que surgem destas convivenvias. Da literatura analisada identifiquei duas perspectivas.

A primeira explica que o uso de equipamento faz aproximar as pessoas (John e Reis 2010); Guedes (2016); Nunes (2004) e Marcos (2001). A segunda explica que o uso de equipamento é regulado por normas de um determinado contexto, Mendes (2005); Magalhães (1996); Freitas (2002); Chiavenato (2004); John e Regina (2012); Guilherme (2014); Paulos (2002).

Quanto a primeira perspectiva, John e Reis (2010) analisam a funcionalidade do uso de equipamentos no contexto urbano e mostram como as pessoas de várias classes sociais se relacionam num espaço-físico condicionado com o uso do equipamento.

Segundo John e Reis (2010) a ideia de um espaço imaginário que afecta as pessoas está relacionado com a dinâmica e os significados que as pessoas dão ao uso de equipamento. Os autores defendem que a estrutura urbana é influenciada pelo uso de equipamento perdem de vista o significado simbólico de cada equipamento.

Na mesma linha de pensamento de John e Reis, Guedes (2016) argumenta que o equipamento urbano constitui um património de reconhecimento, que deve ser analisada com base na perspectiva administrativa tornando elemento complementar para o espaço urbano.

Guedes (2016) enfatiza que os equipamentos possuem características de maior mobilidade e são responsáveis pela imagem dos lugares. Ao descrever o uso de equipamentos relacionado a um espaço, não evidencia o pressuposto social ou cultural das imaginações que são representadas pelos indivíduos.

Na mesma reflexão, Nunes (2004) faz a sua contribuição no debate sobre equipamento relacionado a um espaço, acrescenta que os mesmos são objectos destinados a equipar um determinado espaço. Segundo Nunes (2004), podemos aferir que o equipamento contribui para estética e funcionalidade de um espaço e torna o elo de ligação entre o espaço e a estética.

Para Nunes (2004) não são objectos nos quais podem representar e explicar vários fenómenos relevantes para o entendimento de aspectos culturais e sociais. Mas sim podemos entender sobre o conforto e bem-estar associado com o que pretende vivenciar num determinado espaço.

Numa realidade diferente dos autores acima discutidos, Marcos (2001) analisa o uso de equipamento num ambiente de dinâmica laboral que assenta na produtividade numa determinada empresa. Marcos (2001) Percebe que o uso de equipamento influencia no progresso do trabalho e o uso inadequado de equipamento na empresa é considerado uma barreira à utilização do espaço.

Marcos (2001), ao mostrar o uso de equipamentos relacionado a actividade produtiva no espaço empresarial perde de vista o uso de equipamento que pode gerar outras dinâmicas como a estética olhando apenas para a produtividade.

Na primeira perspectiva percebi, que o equipamento aproxima as pessoas num determinado espaço. A referida literatura perde de vista a dinâmica de como o equipamento é usado.

Numa perspectiva diferente da primeira. A segunda defende que o uso de equipamento é regulado por normas. Nesta perspectiva, Mendes (2005) enfatiza que o uso do equipamento está direcionado para comodidade e ao conforto dos usuários, o equipamento compõe o ambiente no qual está inserido e faz parte das normas de uma determinada organização e lugar.

Segundo Mendes (2005) o uso dos equipamentos ilustra a realidade intrínseca dos indivíduos através das normas de um determinado contexto. Se por um lado Mendes (2005) afirma que as normas são importantes para o uso de equipamento perde de vista as interações e as dinâmicas que o uso de equipamento dá fora das normas desse contexto.

Na mesma perspectiva, Magalhães (1996) analisa e dá primazia as normas decorativas, observa que o uso de equipamento está associado a norma de decoração.

A ideia de decorar um determinado espaço-físico corresponde a mobilidade e dinâmicas de uso de equipamentos específicos para um determinado contexto. Segundo Magalhães (1996) estes equipamentos são dinâmicos na medida que se tornam utilitários para transformar um lugar desejado.

A limitação do Magalhães (1996) é que as normas podem ser manipuladas com base nos objetivos e dinâmicas de uso de equipamento, sejam urbanos ou organizacionais.

Numa análise diferente, virada a gestão de recursos humanos, Freitas (2002) traz o conceito de norma da ergonomia para analisar a dinâmica de uso de equipamentos mostrando através deste conceito como o risco está associado no processo de uso de equipamento, há equipamentos tóxicos que tem uma utilidade de vida curta e quando alongada prejudicam a saúde das pessoas.

Segundo Freitas (2002) os equipamentos têm uma característica que indica como devem ser usados. O uso do mesmo está relacionado com o risco e integridade do bem-estar individual e coletivo.

A limitação da ideia de Freitas (2002) é que as normas funcionam num determinado espaço laboral olhando para um caso específico e ignorando outros fatores que podem acontecer atrelados ao uso de equipamentos.

Ainda na segunda perspectiva, mas numa outra análise, Chiavenato (2004) defende que o uso de equipamento num ambiente laboral está ligado a norma para execução de trabalho. O trabalho está intrinsecamente ligado com o uso de equipamentos, que por sua vez evidencia a produtividade e o desempenho dos indivíduos no trabalho.

A limitação da ideia do Chiavenato (2004) é que as normas influenciam as dinâmicas de um espaço delimitado.

Na mesma análise, mas com olhar diferente, John e Regina (2012) debruçam sobre a antropologia da performance, mostram como o uso de equipamentos está patente nas normas da prática. Ainda John e Regina (2012) descreveram como uma determinada comunidade indígena aprende a fazer bancos abatendo árvores, os indivíduos aprendem a fazer e a usar os itens mobiliários para o uso coletivo na comunidade.

Ao se preocupar em descrever como as pessoas constroem e usam os equipamentos num determinado contexto, limita-se em perceber a dimensão subjetiva sobre o uso de equipamentos por parte dos membros da comunidade.

Por sua vez com uma ideia diferente, Guilherme (2014) trazendo posicionamento da antropologia do consumo faz uma análise sobre a dimensão que entende sobre dinâmicas do uso de equipamentos infantis, uma variável importante para analisar a segurança, saúde e bem-estar das crianças.

Na mesma linha do Guilherme, Paulo (2002) defende também o uso do equipamento está atrelado ao bem-estar e segurança, usa os conceitos de dinâmica física para explicar o uso de equipamentos de uma habitação num grupo de moradores. Paulo (2002) verifica no estudo que a dimensão dos equipamentos está relacionada com o desenvolvimento das funções domésticas bem como possibilita o acesso conveniente do espaço da cozinha.

Na segunda perspectiva percebi que o uso de equipamentos é regulado por normas de um determinado contexto. Se por outro lado, o uso de equipamento é regulado por normas, a referida literatura perde de vista a componente de manipulação das normas pelos usuários.

Da literatura analisada entendi como o uso de equipamento proporciona convivência e mobilidade social e ainda as condições de segurança do trabalho no seu uso. Da literatura analisada fica por compreender dinâmicas de uso do equipamento, incluindo como os usuários lidam com as normas que regulam o referido uso e o processo de manutenção dos mesmos.

A presente pesquisa está orientada pela teoria da prática social. Segundo Pedroso (2014), a teoria da prática social fundamenta os estudos sobre dinâmica entre as pessoas e as suas atividades.

O estudo da prática social de acordo com Pedroso (2014) também fornece subsídios para entender a prática como um elemento fundamental na produção da realidade social, evidenciando respostas de onde e como acontecem as atividades do “fazer estratégia”, quem as realiza e quais as competências necessárias.

Neste trabalho uso os conceitos básicos de equipamento, dinâmica, manipulação e manutenção que apresento a seguir.

**Análise de ponto de equilíbrio**

“Ponto de Equilíbrio” é o valor em que as receitas se igualam aos custos de despesas da empresa mercantil. Segundo Santos (2000, p.166) a análise do equilíbrio entre receitas de vendas e custos, torna-se indispensável como instrumento no processo de decisão gerências. Um dos factores para o sucesso financeiro de uma empresa está directamente condicionado à existência da melhor informação gerências. Para o autor, “o ponto de equilíbrio será obtido quando o total dos ganhos marginais, que é a somatória de todos os produtos comercializados, equivaler ao custo estrutural fixo do mesmo período de tempo objecto de análise”.

De acordo com Wernk (2001, p.49) o ponto de equilíbrio representa o nível de vendas em que a empresa opera sem lucro ou prejuízo. Ou seja, o número de unidades vendidas no ponto de equilíbrio é o suficiente para a empresa pagar seus custos fixos e variáveis sem gerar lucro.

Atkinson et al. (2000, p.192) menciona que o ponto de equilíbrio representa o nível de produção no qual os custos dos recursos comprometidos são coberto pelos lucros ganhos da produção e vendas de bens e serviços. O autor comenta ainda em outras palavras que Ponto de equilíbrio é o nível em que o volume de vendas cobre os custos fixos comprometidos.

Horngren et al. (2004, p.41) define o ponto de equilíbrio como sendo o nível de vendas no qual a receita se iguala às despesas e o lucro é igual a zero.

 Para Leone (2000, p.424) e Martins (2000, p.273) o ponto de equilíbrio é o nível de produção onde os custos se igualam às receitas, ou ainda, nasce da conjugação dos custos totais com as receitas totais. O ponto de equilíbrio, segundo Vanderbeck (2003, p.415) pode ser definido
como o ponto no qual a receita de vendas é adequada para cobrir todos os custos de manufatura e vender o produto, mas sem obter lucro.

Padoveze (1994, p.281) relata em sua obra que o Ponto de Equilíbrio é o
momento em que o total da margem de contribuição da quantidade vendida / produzida Receita de vendas (no ponto de equilíbrio) = Custo para fabricar + Custo para vender se iguala aos custos e despesas fixas. Dessa forma, o ponto de equilíbrio demonstra a capacidade mínima em que a empresa deve operar para não ter prejuízo.

Segundo Dutra ( 1995, p.170), no ponto de equilíbrio, a empresa está produzindo o suficiente para gerar receita que se iguala ao custo, ou seja, a empresa não está tendo nem lucro nem prejuízo quando está operando em um nível de produção igual ao seu ponto de equilíbrio, porque ela está gerando recursos suficientes para remunerar os seus factores de produção.

Este ponto indica o mínimo de receita gerada pela produção para que a empresa não sofra prejuízo que também é chamado de ponto de ruptura, ponto de nivelamento, ponto crítico ou ponto de quebra. De acordo com Warren et al. (2003, p.98) ponto de equilíbrio é o nível de
operações no qual as receitas e os custos de uma empresa são exactamente iguais.

Em equilíbrio, uma empresa não tem nem lucro nem prejuízo operacional. Percebe-se que após conhecer as definições dos autores citados sobre a conceituação do ponto de equilíbrio, poucas diferenças foram observadas, e um dos aspectos apresentados por todos é com relação à igualdade que deve existir entre as receitas e custos/despesas.

O Ponto de Equilíbrio (também denominada Ponto de Ruptura – “Break-even Point”) nasce da conjunção dos custos totais com as receitas totais onde o total das receitas é igual ao total das despesas.

Esta teoria faz entender que o ponto do resultado, ou lucro final, é igual a zero. Ate esse ponto, a empresa esta tende mais Custos e Despesas do que Receitas, encontrando-se, por isso, na faixa de Prejuízo.

**Equipamento**

No presente trabalho uso a palavra equipamento para significar o conjunto de meios materiais necessários a determinada atividade, tal como definido por Manuel (2010).

**Dinâmica**

No presente trabalho, uso a palavra dinâmica para significar movimento de força, tal como definido por Isac (1986).

**Manipulação**

No presente trabalho, uso a palavra manipulação para significar acto de tácticas para deturpar alguma informação, de modo a favorecer interesses de determinada parte. Tal como definido por Kelvin (2009).



**Figura 01:** Representação gráfica do Ponto de Equilíbrio. Fonte: Wernke (2001) adaptada

Conforme se pode observar a figura acima, o Ponto de Equilíbrio é o ponto onde a linha da Receita cruza com a linha do custo total. Para se calcular o Ponto de Equilíbrio, necessário se faz é o conhecimento do conceito de Margem de Contribuição.

A contabilidade fornece elementos imprescindíveis para o cálculo deste valor. Todo gestor financeiro precisa saber qual a operação mínima da empresa, na qual seus custos e despesas são integralmente pagos.

A vantagem de se conhecer o ponto de equilíbrio é que permite auxiliar decisões, como retirada de linhas de produtos do mercado, saneamento de prejuízos e enxugamento estrutura operacional. O cálculo do ponto de equilíbrio é relativamente simples, utilizando-se quase que exclusivamente os dados contábeis.

**Conclusao**

Polany (1980: 132) citado por (Lisboa: 2000) firma que a teoria econômica dos economistas clássicos era essencialmente confusa. O paralelismo entre riqueza e valor gerou os mais nefastos pseudo-problemas em quase todas as áreas da economia ricardiana. Assim podemos afirmar que, o papel da cultura e das idéias por um lado e o papel constitutivo das instituições por outro configuram a forma como os indivíduos e grupos definem suas preferências.

As instituições consistem em um conjunto de restrições ao comportamento que adotam a forma de regras e regulamentos, de procedimentos para detectar seus desvios e de um conjunto de regras morais para o comportamento ético que restringem a maneira com que as regras e regulamentos são especificadas e cumpridas.

**Referencias Bibliográficas**

ATKINSON, Anthony A, BANKER, Rajiv D., KAPLAN, Robert S., YONG, S. Mark. 2000. *Contabilidade gerencial*. São Paulo: Atlas.

CHIAVENATO, I 2004. *Recursos humanos, o capital humano das organizações*. 9ª Edição. São Paulo: Thomson

FREITAS, V. 2002. *O que é um ambiente ergonomicamente adequado?* In: ENTAC - Encontro Nacional da Tecnologia do Ambiente Construído. São Paulo: Atlas.

GUEDES, M. 2016. *Avaliação estética de mobiliário urbano de abrigo de transporte colectivo*. Porto Alegre. Trabalho académico (Disciplina de Avaliação Pós-ocupação) – Curso de Mestrado Académico, PROPUR, UFRGS.

GUILHERME, I. 2014. *Manual descritivo para aquisição de mobiliário implantação da escola de ensino infantil*. Editora folha: São Paulo.

HANSEN, Don R., MOWEN, Maryane M. 2003. *Gestão de custos*. São Paulo: Pioneira
Thomson Learning.

HORNGREN, Charles T., SUNDEN, Gary L., STRATTON, W. 2004. *Contabilidade gerencial*. São Paulo: Prentice.

JOHN, N. e MULLER, R. 2012. *Antropologia da performance: ensaio na pedra*. Rio de Janeiro. Edição: Fundação Getúlio Vargas.

JOHN, N. e REIS, A. 2010. *Percepção, estética e uso do mobiliário urbano* São Paulo; McGraw Hill. 5 (2), p. 180-206.

KELVIN, C. 2009. Estratégia de acesso à informação. São Paulo. Campanha Editora Nacional.

LEONE, George Sebastião G. 2000. *Curso de contabilidade de custos*. São Paulo:Atlas.
LEONE, George Sebastião G. 2000. *Custos: planejamento, implantação e controle*. São Paulo: Atlas.

LISBOA, Armando De M. 2000. SOCIUS Working Papers: *"A Crítica de Karl Polanyi à Utopia do Mercado"*. Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações Instituto Superior de Economia e Gestão Universidade Técnica de Lisboa.

MACHADO, L. 2016. *Qualidade de vida no trabalho: factor decisivo para o sucesso organizacional*. In: revista de iniciação científica. São Paulo: Senac, (2), n° 02, p. 75-96.

MAGALHÃES, L. 1996. *A importância da saúde e segurança no trabalho nos processos logísticos*. São Paulo: Bauru.

MANUEL, A. 2010. *Estratégias e elementos de gestão mobiliário*. Porto Alegre.n˚9, serie 4, pp. 119-143.

MARCOS, O. 2001. *Avaliação estética de equipamento mobiliário urbano*. Porto Alegre.

Public Workc Management e Policy, nº 5, p. 270-280.

MARTINS, E. 2000. *Contabilidade de custos. São Paulo*: Atlas.

MENDES, A. 2005. *Equipamentos Mobiliário e logísticas*.: 2ª Edição. Rio de Janeiro:

Baura.

NEWTON, I. 1986. A dinâmica no “principia” por c. Dikshoorn, Oxiford University.

NUNES, S. 2004. *Manual de dinâmicas e segurança no Trabalho*. 7ª Edição, Porto Editora.

 PADOVEZE, C. 2000. *Contabilidade gerencial: um enfoque em sistema de
informação contábil*. São Paulo: Atlas.

PAULO, J. 2002. *Dimensão do mobiliário e equipamento da habitação*. Lisboa: Editora Ceres.

PEDROSO, P. 2014. *Técnicas de pesquisa social.* 5ª Edição. São Paulo: Atlas Editora.

SANTOS, Joel J*.* 2000. *Análise de custos. São Paulo: Atlas.*

SILVA. M. 2012. *Gestão de Recursos Humanos: Princípios e Práticas para a Excelência*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Imago.

WERNKE, Rodney. 2001. Gestão de custos: uma abordagem prática. São Paulo: Atlas.
DUTRA, René Gomes Dutra. 1995. *Custos: uma abordagem prática*. São Paulo: Atlas.

VANDERBECK, Edward J.; NAGAY, Charles F. 2003. *Contabilidade de custos*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

WARREN, Carl S., REEVE James M., FESS Philip E. 2003. *Contabilidade gerencial*. São paulo: Pioneira Thomson Learning.